

1923

Os modernistas brasileiros em Paris

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Director-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

GÊNESE ANDRADE
(Organizadora)

1923
Os modernistas brasileiros em Paris



editora
unesp

© 2024 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

A554m Andrade, Gênese (organizadora)

1923: Os modernistas brasileiros em Paris / Gênese
Andrade. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-57111-212-0

1. Literatura. 2. Crítica literária. 3. Modernismo. 4. Literatura brasileira. 5. História da literatura. 6. História da arte. 7. Literatura comparada. I. Título.

2024-1519

CDD 809

CDU 82.09

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Sumário

Agradecimentos . . .	9
Modernistas e Paris pra lá e pra cá . . .	11
<i>Gênese Andrade</i>	

I. Impressões de Paris

Oswald de Andrade

L'Effort intellectuel du Brésil contemporain . . .	45
O esforço intelectual do Brasil contemporâneo . . .	61
A atualidade de Babilônia . . .	77
Pequena tabuada do espírito contemporâneo . . .	85
Anúnciação de Pirandello . . .	97
Vantagens do caos brasileiro . . .	103
Preocupações brasileiras . . .	109
Blaise Cendrars: um mestre da sensibilidade contemporânea . . .	115
Ambientes intelectuais de Paris I . . .	123
Ambientes intelectuais de Paris II . . .	129

Di Cavalcanti

De Paris [I] . 135

Figuras do mundo moderno. Cendrars,
o mutilado genial . 141

De Paris [II] . 145

De Paris [III] . 151

De Paris [IV]. Domenique Braga fala-nos
sobre a moderna poesia de França . 155

Sérgio Milliet

Carta de Paris [I] . 163

Carta de Paris [II] . 169

Carta de Paris [III] . 173

La Poésie moderne au Brésil . 177

A poesia moderna no Brasil . 195

Fontes dos textos . 215

II. Paris é uma festa brasileira?

1923 e os modernistas no primeiro e
movimentado ano de Souza Dantas
como embaixador em Paris . 219

Orlando de Barros

Fábio Koifman

Os artistas brasileiros nas exposições inaugurais
da Maison de l'Amérique Latine em Paris,
em 1923 e 1924 . 253

Michele Greet

Rego Monteiro: Paris, 1923 . 279

Jorge Schwartz

- O rapaz mais simples do mundo . 307
Carlos Augusto Calil
- Axexê da Negra . 323
Alecsandra Matias de Oliveira
- A Caipirinha e o Francês: Tarsila do Amaral
e a devoração da modernidade
via Fernand Léger . 343
Tadeu Chiarelli
- A vida é um bailado cubista: Brecheret e
Di Cavalcanti em Paris . 359
Thiago Gil Virava
- Sérgio Milliet em 1923: cartas, crônicas
e poemas de Paris . 383
Regina Salgado Campos
Valter Cesar Pinheiro
- Sobre os canibais: Villa-Lobos em Paris,
Darius Milhaud no Rio de Janeiro . 411
Cacá Machado
- Modernismo na bagagem, Paris via postal:
Oswald em 1923 . 435
Gênese Andrade
- Sobre a organizadora e os autores . 465
- Caderno de imagens . 471
- Créditos das imagens . 487

Agradecimentos

A Jézio Gutierre, que acolheu este projeto desde o primeiro instante, pela confiança, entusiasmo e carinho de sempre.

A Leandro Rodrigues, Thaís de Oliveira, Jéssica Holanda e toda a equipe da Editora Unesp, pela competência, dedicação e profissionalismo, sem os quais este livro não teria sido possível.

Aos autores e tradutores, pelos valiosos trabalhos que constituem esta publicação: Alecsandra Matias de Oliveira, Cacá Machado, Carlos Augusto Calil, Fábio Koifman, Jorge Schwartz, Michele Greet, Orlando de Barros, Regina Salgado Campos, Roberto Zular, Tadeu Chiarelli, Thiago Gil Virava e Valter Cesar Pinheiro.

Aos herdeiros, instituições e representantes dos escritores e artistas que autorizaram a reprodução de textos e imagens, em especial: Anne Botella, Carlos Ranulpho (*in memoriam*), Elisabeth Di Cavalcanti, Marília de Andrade, Marinez Oliveira, Paola Montenegro, Sandra Brecheret Pellegrini, Thereza Christina de Moura Albuquerque Guimarães; Agência Riff, AUTVIS,

Agradecimentos

Fundação Escultor Victor Brecheret, Tarsila do Amaral Licenciamento e Empreendimentos.

A Celso Lafer, Cristiane Silvestrin, Joana Darc Moreno de Andrade, K. David Jackson, Leonice Alves, Marlene Laky, Regina Teixeira de Barros, Tarsila do Amaral e Thales Estanislau Sobrinho, pelo apoio.

Aos meus maravilhosos amigos – não nomeados porque a lista seria imensa –, que me acompanham com paciência e entusiasmo, compreendem minhas ausências e estão sempre presentes, mesmo que seja em pensamento.

Aos meus queridos familiares – Letícia, Áureo, Maria, Katarine e Carolina –, pelo carinho, estímulo e presença, constantes e vitais.

Modernistas e Paris pra lá e pra cá

Gênese Andrade

Paris, supimpa. Que nem São Paulo!

Oswald de Andrade, Carta a Monteiro Lobato,
Paris, jun. 1923¹

Paris é um polvo. Suga

Sérgio Milliet, Carta a Yan de Almeida Prado,
Paris, 9 nov. 1923²

Paris é um rebocador

Tarsila do Amaral, Carta a Mário de Andrade,
Paris, 13 nov. 1923³

1 As cartas de Oswald de Andrade a Monteiro Lobato pertencem ao Fundo Monteiro Lobato, Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Cedae), Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp).

2 As cartas de Sérgio Milliet a Yan de Almeida Prado pertencem à Academia Paulista de Letras (APL).

3 As cartas de Tarsila do Amaral a Mário de Andrade pertencem ao Fundo Mário de Andrade, Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

Quando o ano de 1923 se inicia, Paris está prestes a abrigar uma avalanche de artistas brasileiros: alguns já tinham desembarcado nos anos anteriores, outros estavam a caminho e havia ainda os que chegariam em meados do ano.

A Semana de Arte Moderna encaminhava-se para completar seu primeiro aniversário de polêmica, mais do que de celebração, e vários de seus protagonistas, ou daqueles que mesmo ausentes tiveram obras incluídas no evento, haviam cruzado o oceano Atlântico rumo à Cidade-Luz: Vicente do Rego Monteiro, Victor Brecheret, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, entre outros.⁴

A viagem é um tema incontornável no âmbito artístico, seja em seu aspecto relacionado a estudos formais, conhecimento de outras culturas ou simples lazer, como experiência ou inspiração. Para aqueles que, como os brasileiros, vivem ou viviam distantes dos grandes centros urbanos onde se davam as produções artísticas então consideradas centrais e irradiadoras de novas tendências, a viagem à Europa – a Paris, especialmente, nos anos 1920 – não era menos do que obrigatória. A visita a museus, exposições, academias e ateliês, a possibilidade de estudar com grandes ou jovens mestres, o acesso a publicações com maior celeridade, a chance de publicar textos literários no exterior, a convivência com artistas de origens e tendências diversas,

4 Não é possível precisar se Antonio Gomide estava em Paris em 1923. Segundo Marta Rossetti Batista, “não se pode nem mesmo afirmar, entre meados de 1921 e 1926, por quanto tempo Gomide permaneceu em Paris”, pois só há algumas datas precisas: “em julho de 1921 chegou a Paris, em agosto de 1922 estava em Toulouse, em maio de 1924, em Paris e em meados de 1926 vinha para o Brasil”. Cf. Batista, *Os artistas brasileiros na Escola de Paris: anos 1920*, p.522.

a possibilidade de ter obras expostas em mostras coletivas internacionais e até mesmo fazer exposições individuais em terras estrangeiras eram pontos essenciais para todos os que almejavam uma arte com maior impacto e alguma projeção da própria carreira. Por isso, muitos escolheram Paris como destino, pois lá se encontravam, nas primeiras décadas do século XX, os artistas de várias nacionalidades e dedicados às diversas linguagens artísticas, já consagrados ou que despontavam nos movimentos de vanguarda. Para a literatura, a música, as artes visuais, o *design* e a moda, Paris era o meridiano, ou o “umbigo do mundo”, para usar a expressão de Paulo Prado,⁵ ou ainda, na versão mais célebre, de Ernest Hemingway: “uma festa”.⁶

O fato de há cem anos alguns dos artistas centrais do modernismo brasileiro lá se encontrarem, estudando, dialogando com os expoentes estrangeiros, criando obras destacadas e participando de eventos artísticos e sociais relevantes motivou a organização deste livro.⁷ Em fevereiro, Vicente do Rego Monteiro participou do Salon des Indépendants; em 11 de maio, Oswald de Andrade fez uma conferência na Sorbonne, publicada em julho na *Revue de l'Amérique Latine*; em 29 de maio, obras de Anita

5 Paulo Prado usa essa expressão ao referir-se ao ateliê de Tarsila do Amaral, segundo ele, na place Clichy, mais especificamente na rue Hégésippe Moreau, n.9. Cf. Prado, “Poesia Pau Brasil”, *Revista do Brasil*, São Paulo, ano IX, v.26, n.106, p.108, out. 1924. Incluído em Andrade, O. de, *Pau Brasil*, p.5.

6 Cf. Hemingway, *A Moveable Feast* [*Paris é uma festa*].

7 O perfil deste livro dialoga com outras obras que se propõem a refletir sobre um ano específico do século XX, por exemplo: Illies, 1913: *The Year before the Storm* [1913: *antes da tempestade*]; Gumbrecht, *In 1926: Living at the Edge of Time* [*Em 1926: vivendo no limite do tempo*]. Porém, a estrutura e o propósito deste livro e daqueles são totalmente diferentes.

Malfatti, Tarsila do Amaral, Rego Monteiro e Victor Brecheret integraram a exposição inaugural da Maison de l'Amérique Latine; em novembro, Victor Brecheret participou com destaque do Salon d'Automne; no segundo semestre, Villa-Lobos, que já era conhecido por Darius Milhaud, começava a inserir-se no âmbito musical francês. Todos eles estavam iniciando sua trajetória, voltavam-se para a arte modernista, que se consolidaria com as produções subsequentes. Sendo assim, essa inserção no ambiente cultural e artístico francês foi bastante significativa, e analisada à distância tem seu peso ampliado. Especialistas de várias áreas foram convidados a refletir sobre a presença dos brasileiros em Paris nesse período e seus desdobramentos, construindo em dez ensaios um panorama dessa temporada parisiense.

Havia ainda outros artistas modernistas que estavam lá no período, nos quais não vamos nos deter, como o pintor Domingos Toledo Piza e a escultora Adriana Janacópulos, assim como também alguns que seguiam a tradição acadêmica. Tanto modernistas quanto acadêmicos viajaram com seus próprios recursos, ou foram financiados pelo Pensionato Artístico, ou outras modalidades de patrocínio.

Os artistas modernistas estiveram em diálogo com a Escola de Paris, e o estudo de Marta Rossetti Batista sobre essa relação é pioneiro e o mais abrangente sobre o tema.⁸

8 Batista, *Os artistas brasileiros na Escola de Paris*, op. cit. Publicado em livro postumamente, consistiu em sua tese de doutorado, defendida na ECA-USP em 1987. Marcia Camargos faz um estudo detalhado dos artistas brasileiros que estiveram na Europa nas primeiras décadas do século XX com bolsa do Pensionato Artístico: Camargos, *Entre a vanguarda e a tradição: os artistas brasileiros na Europa (1912-1930)*. Jason Tércio faz uma concisa leitura crítica do que ele denomina “o rito de passagem

A atuação do embaixador Luís de Souza Dantas – que, tendo chegado a Paris em dezembro de 1922, depois de ter servido em Roma, promoveu eventos, participou de solenidades, financiou várias atividades e propiciou a inserção dos brasileiros nos vários círculos sociais e culturais – e a aproximação dos brasileiros dos principais artistas europeus – como Blaise Cendrars, Fernand Léger, Constantin Brancusi, Jean Cocteau, Pablo Picasso, Erik Satie, Valery Larbaud, Jules Romains –, cujas casas e ateliês frequentavam, ou com os quais confraternizavam em atividades culturais, banquetes, cafés e restaurantes, constituíram uma sociabilidade ímpar que se reflete em sua produção do período e ao longo de sua trajetória.

É curioso constatar que os artistas brasileiros não se aproximaram dos vanguardistas estadunidenses e hispano-americanos que também estavam em Paris nesse ano; ao longo da década, frequentaram os mesmos ambientes e espetáculos, e participaram de exposições, mas o contato pessoal não se deu.⁹

Completam esse quadro a publicação por Oswald de Andrade, Sérgio Milliet e Emiliano Di Cavalcanti de crônicas em periódicos, entre março e dezembro de 1923, e ainda

dos modernistas em Paris nos anos 20” no ensaio “Vira-latas sem complexo: notas sobre a angústia da originalidade nos modernistas”, em Andrade, G. (org.), *Modernismos: 1922-2022*, p.428-48.

9 Jorge Schwartz chama a atenção para a provável frequência pelos latino-americanos concomitantemente a espetáculos que eram considerados paradas obrigatórias em Paris desde os anos 1910, como as apresentações de balé; cf. Schwartz, “Xul/Brasil: imaginários em diálogo”, em *Fervor das vanguardas: arte e literatura na América Latina*, p.178-91. Michele Greet analisa as exposições das quais os artistas latino-americanos participaram em Paris nos anos 1920; cf. Greet, *Transatlantic Encounters: Latin American Artists in Paris between the Wars*.

durante o primeiro semestre de 1924, que trazem suas impressões de Paris sobre a cena cultural e social, e dão conta das atividades e produções artísticas dos brasileiros. Oswald de Andrade e Di Cavalcanti eram correspondentes do carioca *Correio da Manhã*, e Oswald ocupou também as páginas do *Correio Paulistano*. Já Sérgio Milliet publicou no periódico paulistano *Ariel: Revista de Cultura Musical*, criado em 1923.¹⁰

Oswald de Andrade, ao desembarcar lá nos primeiros dias de janeiro, fazia dessa vez sua segunda viagem à Europa. A primeira havia sido em 1912 e, como ele recorda em suas memórias, não mergulhou nessa ocasião nas vanguardas que então despontavam: “A esse tempo talvez eu estivesse, sem saber, ao lado de Picasso e Apollinaire no celebrado Lapin Agile da butte Montmartre”.¹¹ Nos oito textos reunidos neste livro,¹² publicados nos jornais, com títulos sugestivos, além de traçar o panorama da vida cultural parisiense, com ênfase nos espetáculos

10 O *Correio da Manhã* e o *Correio Paulistano* estão disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro; há coleções do *Correio Paulistano* também no Arquivo do Estado de São Paulo e na Biblioteca Municipal Mário de Andrade; nesta, assim como na Biblioteca do IEB-USP, é possível consultar coleções da *Ariel: Revista de Cultura Musical*.

11 Andrade, O. de, *Um homem sem profissão: memórias e confissões: 1890-1919. Sob as ordens de mamãe*, p.93.

12 Alguns dos textos de Oswald de Andrade aqui reunidos já foram abordados nos seguintes estudos: Chalmers, *3 linbas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*; Mello Ferreira, *Percursos do moderno e do nacional em Oswald de Andrade: origens e desenvolvimentos do escritor vanguardista de 1924*; Virava, “Vantagens do caos brasileiro: o Brasil que Oswald de Andrade descobriu em Paris”, *Ars*, São Paulo: PPGAV, ECA-USP, ano 16, n.33, p.59-79, 2018; disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ars/a/ZNjHbw7ZwVvsXkz86PsG9zz/?lang=pt>>; acesso em: 23 set. 2023. Apenas Mello Ferreira se dedicou a todos eles.

teatrais – destaca *Monsieur le Troubadec saisi par la débauche*, de Jules Romains, e *Seis personagens em busca de um autor*, de Luigi Pirandello – e de dança, na produção artística, recomendar livros – como a *Histoire de la littérature française*, de René Lalou, e a *Histoire de l'art*, de Élie Faure –, faz comparações com o que ocorria em terras brasileiras, reflete sobre a cena artística nacional e informa sobre a atuação de seus compatriotas em Paris. Retornando ao Brasil nos últimos dias de dezembro de 1923, cruzará o oceano diversas vezes no decorrer da década, com ou sem Tarsila do Amaral – com quem iniciara uma relação amorosa em 1922 e se casaria em 1926 –, para temporadas de duração variada. Sendo ambos de famílias abastadas, viajavam com recursos próprios.

Sérgio Milliet, que havia passado uma temporada na Suíça na década anterior, chegou a Paris em abril e lá permaneceu até o fim do ano; depois esteve novamente em 1924 e 1925, e várias outras vezes.¹³ Publicou cinco textos – dos quais três são recolhidos neste livro – na revista *Ariel*, com o título “Carta de Paris”,¹⁴ em 1923 e 1924, mas, apesar do perfil da revista, não se restringiu à música como tema. Detalha um banquete oferecido por Souza Dantas, traz a apreciação de espetáculos que frequentava, com destaque para a estreia de *La Création du monde*, e faz um panorama do contexto artístico em que é possível mergulhar em Paris, ressaltando a inserção dos brasileiros nesse cenário, entre artistas e literatos vanguardistas, incluída a relação de Villa-Lobos com o Grupo dos Seis. Escreveu também

13 Cf. Batista, *Os artistas brasileiros na Escola de Paris*, op. cit., p.193.

14 As três crônicas de Milliet aqui reproduzidas foram publicadas em livro pela primeira vez em Batista et al. (orgs.), *Brasil: 1º tempo modernista – 1917/29. Documentação*, p.81-3, 316-8, 318-20.

para a *Revue de l'Amérique Latine* e colaborava em várias revistas europeias, além de realizar outras atividades para se manter na cidade. Em uma carta a Yan de Almeida Prado, menciona a possibilidade de atuar como ator em um filme de Marcel l'Herbier, por indicação de Alberto Cavalcanti.¹⁵

Di Cavalcanti chegou a Paris no início de setembro, em sua primeira viagem internacional, e lá permaneceu até meados de 1925, viajando novamente em 1928 e nas décadas seguintes. Sem recursos próprios nem bolsas, não tinha estabilidade econômica. Dedicou-se a trabalhos variados para sobreviver, como ilustrador e desenhista de cartazes, colaborou em casas de moda e em uma empresa cinematográfica, além de escrever para o jornal mencionado.¹⁶ Suas crônicas – em torno de 25,¹⁷ escritas durante a primeira viagem – revelam o périplo eclético por academias, museus, ateliês, cafés ou pelas ruas, e os contatos com artistas de várias linguagens que resultaram em aprendizado artístico, amizades, entrevistas, textos. Comenta livros recém-lançados, apresenta Blaise Cendrars, entrevista críticos e artistas como Dominique Braga, Lucien Fabre, Jean Wiener, Marcel Achard, e conta fatos do cotidiano, nos cafés, no hotel, nas ruas, por toda parte. Reproduzimos neste livro apenas cinco crônicas de sua autoria, das oito publicadas em 1923 que foram localizadas.

15 Sérgio Milliet, Carta a Yan de Almeida Prado, Valência, 27 jul. 1923.

16 Cf. Batista, *Os artistas brasileiros na Escola de Paris*, op. cit., p.292-302.

17 Inéditas em livro, algumas dessas crônicas são mencionadas em Di Cavalcanti, *Viagem da minha vida: memórias*, v.I: *O testamento da Alvorada*; há uma relação delas (com falhas) em Amaral, A. (org.), *Desenhos de Di Cavalcanti na Coleção do MAC*, p.203.

Sendo assim, este livro traz – em sua primeira parte – dezesseis crônicas desses autores publicadas em 1923 e algumas de 1924 que ainda tratam dos desdobramentos da temporada do ano anterior. Fixamos como data-limite março-abril de 1924, quando consideramos que começa uma nova etapa, com a publicação do “Manifesto da Poesia Pau Brasil”, de Oswald de Andrade, e a produção de obras literárias, musicais e de artes visuais dos vários artistas mencionados e de outros, cuja relevância é inquestionável. Desses textos, sete de Oswald de Andrade e os cinco de Di Cavalcanti são inéditos em livro.

Também publicamos a conferência de Oswald, “L’Effort intellectuel du Brésil contemporain”,¹⁸ em francês, igualmente inédita em livro. Publicada em português na *Revista do Brasil*, em dezembro do mesmo ano,¹⁹ teve passagens alteradas e suprimidas, comparativamente à versão original.²⁰ Não se sabe quem foi o tradutor, embora Oswald sugira em carta a Monteiro Lobato,

18 Andrade, O. de, “L’Effort intellectuel du Brésil contemporain”, *Revue de l’Amérique Latine*, Paris, ano II, v.5, n.19, p.197-207, jul. 1923. A coleção dessa revista está digitalizada no *site* da Bibliothèque Sorbonne Nouvelle; disponível em: <https://catalogue-bsn.sorbonne-nouvelle.fr/discovery/fulldisplay/alma997508827605802/33USPC_USN:USN>; acesso em: 23 set. 2023.

19 Andrade, O. de, “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”, *Revista do Brasil*, São Paulo, ano VIII, v.24, n.96, p.383-9, dez. 1923.

20 Para uma abordagem comparativa das versões publicadas nas revistas francesa e brasileira, cf. Diniz, “A gênese da Poesia Pau Brasil: um escritor brasileiro na França”, *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v.9-10, p.75-83, 2003-2004; disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3159/3106>; acesso em: 23 set. 2023; Mello Ferreira, *Percursos do moderno e do nacional em Oswald de Andrade*, op. cit., p.159-70; Virava, “Vantagens do caos brasileiro”, op. cit.

datada de 2 de julho de 1923, que Mário de Andrade poderia fazer a tradução. Não foi localizada nenhuma alusão de Mário a isso, e na publicação não consta o crédito do tradutor; poderia talvez ser o próprio Lobato, editor da revista, embora ele também não o mencione nas fontes até o momento consultadas.²¹ Para esta edição, foi feita por Roberto Zular uma tradução integral do texto original em francês.

Seu conteúdo traça um panorama da história da literatura brasileira do século XVI ao início do século XX, com ênfase na obra dos protagonistas da Semana de Arte Moderna. Passa pela filosofia e trata do período colonial de forma pouco crítica no que se refere à atuação dos colonizadores. Aos olhos de hoje, e até mesmo com relação à produção posterior do autor, as observações sobre o negro e o indígena merecem reparos. Por outro lado, chama a atenção sua familiaridade com os vanguardistas europeus, considerando-se que havia apenas três meses que havia chegado à capital francesa.

A conferência é um momento significativo da presença dos brasileiros em Paris em 1923, embora não seja possível avaliar seu real impacto entre os vanguardistas franceses ou entre outros escritores e artistas europeus e latino-americanos que se encontravam na cidade e frequentavam os mesmos ambientes intelectuais. O evento foi divulgado na imprensa parisiense, no

21 Dilma Castelo Branco Diniz aborda a correspondência entre Oswald e Lobato, e atribui a tradução a Mário, considerando o fato de este ser assíduo colaborador da *Revista do Brasil*, tendo publicado vários textos nesse ano. Cf. Diniz, “Três cartas inéditas de Oswald de Andrade para Monteiro Lobato”, em Galvão; Gotlib (orgs.), *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*, p.219-26.